

## **PAINEL INDEPENDENTE DE ALTO NÍVEL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE OPERAÇÕES DE PAZ**

*Palavras do Ministro da Defesa, Jaques Wagner, na abertura da Reunião Regional de  
Consulta América Latina e Caribe do Painel Independente de Alto Nível sobre  
Operações de Paz da ONU*

**Salvador, 30 de março de 2015**

Senhoras e senhores,

Bem-vindos à Bahia e à cidade de Salvador, primeira capital do Brasil e coração da cultura afro-brasileira.

Salvador, minha casa por circunstância do destino, é um símbolo vivo de brasilidade.

A Bahia, que tive o orgulho de governar por oito anos, é uma prova da capacidade humana de apostar na cultura como resposta para harmonizar valores por vezes contraditórios.

Nesses seus 466 anos de existência, completados ontem, esta cidade acolheu povos e nações oriundos dos quatro cantos do mundo, que aqui chegaram por diferentes razões: uns vieram escravizados, alguns em aventuras, outros em busca de riquezas.

O fato é que aqui todos foram capazes de encontrar, na tolerância, no sincretismo e no respeito à diversidade, respostas construtivas para suas diferenças de opinião, de valores e de crenças religiosas.

Tenho certeza de que esta terra, propícia ao entendimento e à reflexão, vai inspirar os participantes deste evento em suas discussões sobre temas tão complexos e atuais.

Registro o privilégio de ter como companheiros, nesta Mesa de Abertura, o Embaixador Paranhos, diplomata de *escol*, com vasta experiência internacional na condução de temas complexos e multidimensionais, e o ex-presidente Ramos Horta, selecionado para dirigir este Painel das Nações Unidas, cuja contribuição à humanidade pode ser sintetizada pela distinção de Prêmio Nobel da Paz, que muito merecidamente recebeu.

Quero enaltecer o trabalho realizado até aqui pelo Painel, que foi extremamente feliz ao escolher os seus membros, *experts* de renomada competência, oriundos de todos os continentes.

Destaco também o esforço e a sensibilidade desses profissionais, ao deslocarem-se de países muito distantes, para colher as opiniões e demandas de distintas regiões do globo.

Afinal, inclusão e representatividade constituem bases de um multilateralismo efetivo, que deve ser sensível à diversidade de percepções e opiniões em um tema tão importante quanto o futuro das operações de paz da ONU.

Por isso mesmo, enfatizo e agradeço a presença de representantes de 20 países latino-americanos e caribenhos, todos identificados na mesa em frente.

Muito obrigado, amigos, pela adesão!

A nossa tradição comum, de favorecer a mediação política e o diálogo na solução de conflitos, assegura que nossa comunidade regional tem propostas consistentes e originais a apresentar.

\*\*\*

Senhoras e senhores,

Os próximos dias prometem muito trabalho e reflexão.

Os temas não poderiam ser mais importantes e variados, de questões conceituais e amplas acerca do contexto em que são planejadas as operações de paz contemporâneas aos aspectos logísticos de sua implementação no teatro de operações.

O ambiente internacional contemporâneo observa profundas transformações e diversos episódios de instabilidade em termos de paz e segurança.

A expectativa de que disputas por recursos naturais e conflitos exacerbados por radicalismos religiosos e étnicos se agravem está presente em várias análises da conjuntura internacional contemporânea.

Alguns ingredientes dessa conjuntura constituem ameaças relativamente novas, como os efeitos das mudanças climáticas; a atuação de grupos armados extremistas; a facilidade de acesso a sofisticados armamentos e tecnologias; e a existência de redes criminosas transnacionais.

Desde o fim da Guerra Fria, os conflitos internos e as ameaças transfronteiriças têm representado a maior parte das preocupações na agenda multilateral de segurança.

Paralelamente, consolidam-se tendências morais que, pessoalmente, avalio como muito positivas, como a necessidade de resguardar a dignidade humana e o imperativo de evitar a morte e o sofrimento de pessoas inocentes.

Neste mundo globalizado e conturbado, observamos ainda um acentuado envelhecimento das instituições de governança global e de suas práticas, que, não obstante, encontram imensa dificuldade para se reinventarem.

É contra esse pano de fundo que o complexo desafio de atualizar a teoria e a prática das missões de paz se torna uma prioridade de primeira grandeza.

Chamadas a cumprir mandatos complexos, as missões de paz contemporâneas têm estruturas diversificadas e multidimensionais, que já não podem ser compreendidas por meio de normas septuagenárias ou mesmo de categorias conceituais concebidas há mais de dez anos.

Em muitas ocasiões, os *peacekeepers* deparam-se com acordos de paz frágeis, operados em condições de baixa governabilidade, em meio a instituições pouco efetivas e partes que se enfrentam brutalmente a despeito de distribuições assimétricas de recursos de poder ou de terríveis impactos sobre a população civil.

Essas são diferenças muito significativas em relação às primeiras missões de paz da ONU, originalmente concebidas para impedir retrocessos após a mediação de acordos de cessar-fogo entre forças armadas regulares.

Os novos desafios de segurança e as ambiciosas expectativas de manutenção da paz explicam, em parte, a tendência de robustecimento das missões de paz da ONU e de consagração dos mandatos de proteção de civis.

Mas situações de instabilidade e conflito estão sempre relacionadas com dinâmicas socioeconômicas, políticas e culturais complexas, profundamente enraizadas nas sociedades que recebem as missões de paz.

Se as operações de paz da ONU não forem concebidas, implementadas e atualizadas levando-se em conta todos esses fatores, elas não terão êxito.

A missão de estabilização das Nações Unidas no Haiti, a MINUSTAH, comandada militarmente pelo Brasil há mais de dez anos, pode oferecer essa e outras boas lições, como as senhoras e os senhores poderão ver na sessão dedicada a esse tema.

Este painel discutirá também as chamadas missões políticas especiais, que têm aumentado substancialmente nos últimos anos, com destaque para missões de mediação ou desdobramento de enviados especiais no terreno, quase sempre em meio a crises graves de segurança.

Precisamos saber o que mudar nessas missões, a começar por seus mecanismos de financiamento, visando a ampliar sua eficácia e sua legitimidade.

O tema de mulheres, paz e segurança aplicado às operações especiais é também muito importante, e há muitos estudos que mostram que as mulheres, as maiores vítimas dos conflitos armados, devem também ser parte dos processos de paz, tornando-os inclusivos e sustentáveis.

A esse respeito, houve progresso nos últimos anos, mas muitos desafios ainda têm que ser enfrentados para que mais mulheres participem de operações de paz em postos decisórios e para que menos mulheres e meninas sofram com a violência de gênero relacionada a conflitos.

As operações de paz mobilizam uma grande quantidade de recursos financeiros e de efetivos – cidadãos de todas as partes do mundo que são desdobrados em alguns dos lugares mais instáveis e perigosos do planeta para contribuir para a paz.

É fundamental dispor de regras e padrões operacionais que garantam a segurança desses homens e mulheres.

Incentivo os participantes desse encontro, portanto, a incluírem no debate temas práticos, como questões orçamentárias; preparação de *peacekeepers*; reforço de apoio médico; melhoria das estruturas de inteligência; e o uso intenso de novas tecnologias para incrementar a mobilidade, aumentar a consciência situacional, reforçar os meios de defesa, cuidar melhor do meio ambiente, proteger mais eficazmente a população civil vulnerável e, em suma, salvar mais vidas.

★★★

Senhoras e Senhores,

Esse painel fornecerá subsídios valiosos para aperfeiçoar os processos de planejamento das futuras operações de paz da ONU, aumentando sua efetividade e fortalecendo a cooperação entre os países contribuintes.

O Brasil vem consolidando, ao longo dos últimos anos, sua tradição de participar de operações de paz de maneira profissional e substantiva.

No mundo todo, cresceu a atenção conferida a esse tema, cresceram os recursos destinados a essas missões, cresceu a complexidade dos cenários em que elas são desdobradas.

Mas as operações de paz da ONU não são um fim em si mesmas.

É muito importante que os distintos especialistas aqui presentes e os integrantes desse Painel mantenham isso em mente, não apenas ao longo dos próximos dois dias, mas também durante os trabalhos que se seguirão às reuniões regionais de consulta.

As operações de paz da ONU precisam ser concebidas sob medida, para contribuir para a paz onde ela é mais necessária e onde, geralmente, os meios para atingi-la são escassos.

E, mais importante, precisam integrar um processo de mediação política e de apoio econômico ao esforço local de retomar as rédeas de seu futuro, promovendo o desenvolvimento socioeconômico e o fortalecimento de instituições políticas sólidas, legítimas e eficazes.

Tenho certeza de que o Brasil, sediando esta reunião regional e participando do Painel Independente de Alto Nível convocado pelo Secretário-Geral, poderá contribuir de maneira significativa para o processo de revisão das operações de paz da ONU.

Espero que os participantes desta reunião de consulta regional se inspirem nos valores de tolerância e de conciliação cultuados na cidade de Salvador para tornar os próximos dois dias de trabalho produtivos e enriquecedores.

Espero também que encontrem tempo para desfrutar dessa mágica cidade, pois aqui conseguimos harmonizar trabalho sério com alegria de viver.

Muito obrigado e bom trabalho a todos!